

Bancos voltam a lucrar com a ciranda

Ganho nas operações com títulos cresceu de 28% para 35% e negócios com crédito encolheram

Sueli Campo

Da Agência O GLOBO • SÃO PAULO

Os bancos brasileiros substituíram no ano passado os ganhos com a concessão de empréstimos, sua função original, pelos negócios com títulos públicos. A participação das operações de crédito — incluindo empréstimos para pessoas físicas e empresas — no resultado das instituições caiu de 62,2%, em 1997, para 55,7% no ano passado. Em compensação, nesse mesmo período, cresceu de 28% para 35% a fatia dos recursos obtidos com investimentos em papéis no mercado financeiro.

Segundo levantamento da consultoria Austin Asis, que levou em consideração os balanços publicados por 26 instituições financeiras, o resultado obtido em 1998 com aplicações em títulos (principalmente papéis do setor público) representou 40% do patrimônio líquido dos bancos pesquisados. Traduzindo: isso significa que um banco conseguiria acumular em três anos recursos suficientes para comprar uma outra instituição do mesmo tamanho, usando apenas o lucro com as negociações de papéis no mercado.

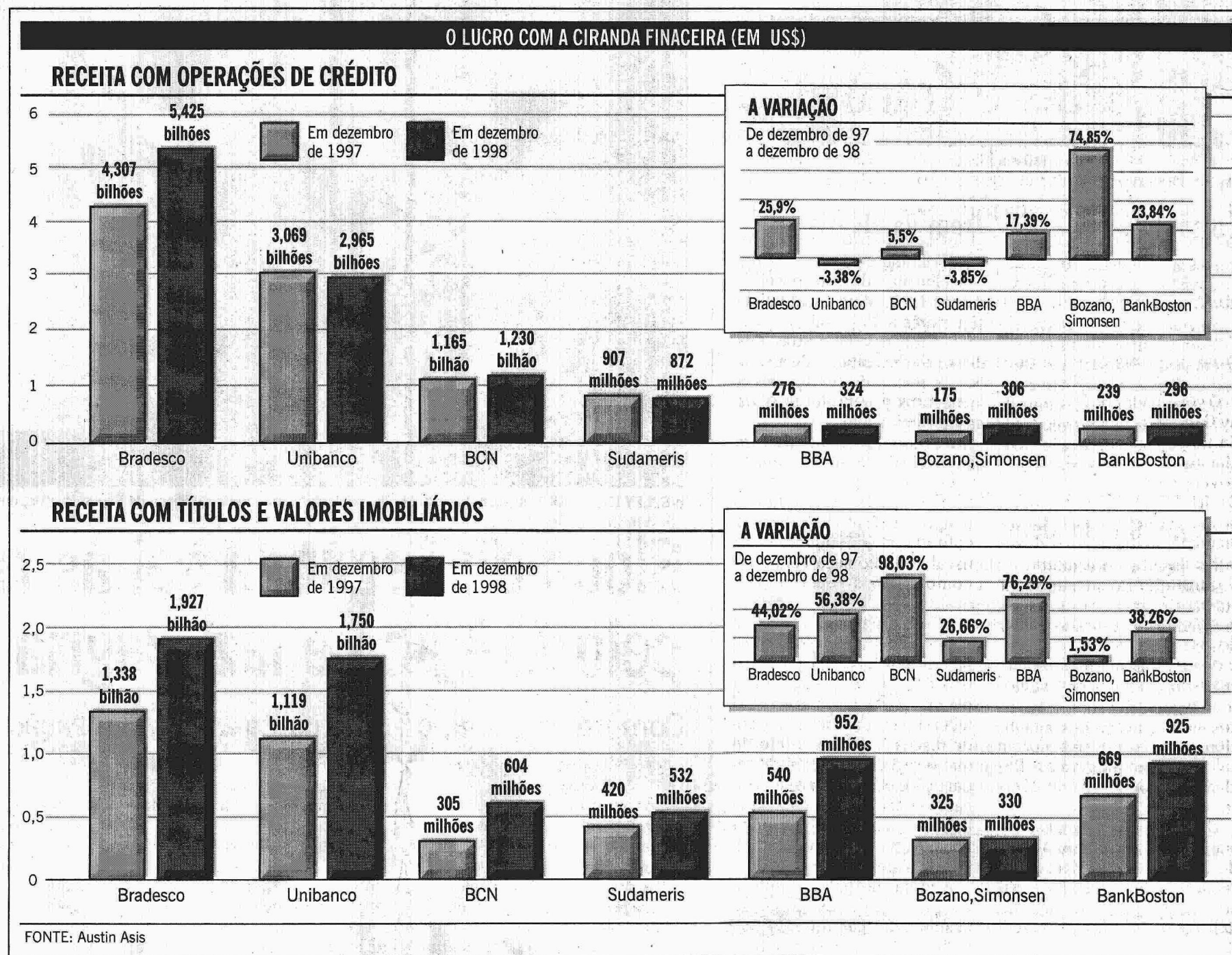
— A taxa de juros alta tem mantido os bancos vivos — afirma Alberto Borges Matias, sócio-diretor da consultoria Austin Asis e professor da Universidade de São Paulo (USP).

Bradesco foi uma das exceções entre os bancos

Segundo o economista, um resultado tão expressivo como o registrado em 1998 com a aplicação em títulos públicos é anormal para um sistema bancário. Para Matias, os números indicam que os bancos brasileiros ainda não estão preparados para trabalhar num ambiente de juros baixos. Em valores absolutos, o ganho dos 26 bancos pesquisados com empréstimos — R\$ 15,490 bilhões — superou a receita com aplicações em títulos públicos — R\$ 9,866 bilhões. Mas enquanto as receitas com títulos e valores mobiliários avançaram 49,7% entre 1997 e 1998, os ganhos com operações de crédito aumentaram apenas 7%. A maioria das instituições financeiras preferiu pisar no freio e emprestar menos, a forma mais segura de evitar o descontrole da inadimplência.

Com exceção do Bradesco, que continuou privilegiando a área de crédito (seu volume de empréstimos passou de R\$ 4,3 bilhões para R\$ 5,4 bilhões), a concorrência preferiu concentrar o dinheiro em papéis públicos. No Unibanco, por exemplo, a carteira de crédito encolheu quase 6,45%, passando de R\$ 3,1 bilhões para R\$ 2,9 bilhões. Já as receitas com tesouraria aumentaram 54,5%: chegaram a R\$ 1,1 bilhão em 1997 e, no ano seguinte, foram a R\$ 1,7 bilhão. O BBA Creditanstalt ampliou em 76% os ganhos com papéis do Governo e o BankBoston, 38%. Mesmo o Bradesco não deixou escapar a oportunidade: as receitas com títulos e valores mobiliários cresceram 46%.

Para este ano, Matias, da Austin Asis, prevê que pelo menos no primeiro semestre os bancos vão continuar tirando proveito das receitas de tesouraria. Em 1998, a rentabilidade média dos 26 bancos que divulgaram balanço chegou a 15,7% (con-



tra 11,15% em 1997). A rentabilidade neste ano, segundo a Austin, deve se manter nos mesmos níveis de 1998.

Nem todos os analistas, entretanto, apostam nessa previsão. Segundo um analista de um banco estrangeiro, o lucro dos bancos vai cair neste ano, pois a taxa de juros real será menor. Segundo ele, todos os cenários, do mais otimista ao mais pessimista, apontam para juros menores — se o Governo concluir o ajuste fiscal, se a inflação voltar com força total ou se, em último caso, houver uma reestruturação da dívida.

Num ambiente de juros baixos, aplicar em títulos públicos deixará de ser um negócio tão lucrativo. Os bancos não terão como expandir o crédito de forma segura por falta de renda na economia, o que vai derrubar a rentabilidade, avalia esse analista, levando em consideração que os consumido-

res terão menos dinheiro no bolso para gastar. A queda de rentabilidade dos bancos será maior ou menor dependendo do cenário econômico. Esse analista trabalha com vários cenários. Se o câmbio se estabilizar em R\$ 1,70, a inflação ficar em 12,5% e os juros em 20%, os bancos terão uma queda, em dólar, nos resultados. O Bradesco, por exemplo, teria um lucro 28% menor; o Unibanco, 24%, e o Itaú, 20% menos.

Pior cenário para o país é o melhor para bancos

A queda de rentabilidade dos bancos será menor, se for considerado outra situação da economia: os juros ficarem em 33%, a inflação em 20% e o câmbio se estabilizar em R\$ 1,80.

O cenário em que os bancos mais ganhariam dinheiro é justamente o pior possível para o resto do país: o Governo não faz o ajuste fiscal e tem de con-

tinuar emprestando dinheiro dos bancos (através da venda de títulos no mercado) para pagar suas contas.

Parte dos resultados alcançados no ano passado pelos grandes bancos brasileiros saiu também da equivalência patrimonial, referente à participação nas companhias controladas e coligadas. No Unibanco, o resultado da equivalência patrimonial atingiu R\$ 431 milhões para um lucro líquido de R\$ 454 milhões. No Bradesco, as receitas brutas com equivalência patrimonial chegaram a R\$ 1,1 bilhão, quase o lucro líquido de R\$ 1 bilhão auferido pela instituição. O Bradesco é a instituição que mais tem empresas controladas e coligadas, dentro e fora da área financeira — são 35 ao todo. O BCN teve peso importante na equivalência patrimonial do Bradesco. Contribuiu com R\$ 128 milhões, segundo a Austin Asis. ■